BIBLIOTHECA INTERNACIONAL

JOÃO DE DEUS

POESIAS

Com uma carta em verso

DE

EUGENIO DE CASTRO

COIMBRA
Augusto d'Oliveira — Editor
LIVRARIA MODERNA
19 — Largo do Principe D. Carlos — 25
1896

**D'ESTA EDIÇÃO FEZ-SE UMA
TIRAGEM ESPECIAL
DE TRES EXEMPLARES EM
PAPEL WHATMAN, NUMERADOS.**

AO DIVINO JOÃO DE DEUS

Quando nos idos tempos passageiros
Meus cordeiros guardava, e a minha altura
Fazia par'cer grande a dos cordeiros,

Por um entardecer d'alma brandura
Maviosa flauta ouvi, tão doce e branda
Que o seu encanto inda em minh'alma dura.

Ouvindo assim tocar, fui-me em demanda
Do divo tocador, qual veloz cerva,
Ou qual o doente que, dormindo, anda;

Porém sentado na crescida herva
Achei-te a ti, eu que encontrar julgava
Marsyas, que tem a flauta de Minerva.

Agoas e plantas tudo te escutava
E até o meu rebanho, mais travesso
Do que um rancho de tityros, parava!

Foi ahi, n'essas margens do Parmesso,
Que tu, subida gloria das Camenas,
Por quem o mór apreço é pouco apreço,

Me induziste a provar as mui amenas
Agoas d'aquella fonte e me ensinaste
A correr os meus dedos p'las avenas;

Foi d'ahi, novo Orpheo, que me levaste
Pelo Helicon, á fulgida morada
Das bellas Aganippides, que honraste.

Foi desde aquella tarde bemfadada
Que, entre os da minha edade tocadores,
Minha flauta encantou e foi cantada.

A ti, sol dos arcadicos pastores,
É pois que eu devo o cubiçado tino
Com que em musica torno o riso e as dores;

Fizeste-me o que sou, genio divino,
Porquanto os que possúo mer'cimentos
Menos do engenho vieram que do ensino.

Se pelos doces, languidos relentos,
Graças á minha flauta insinuante
Fiz palpitar d'amor lobos cruentos;

Se fiz parar o curso marulhante
Do Mondego, se fiz parar, no trevo,
Do meu rebanho cada rez saltante,

Se logrei enlevar n'um triste enlevo
As loucas Mimallonides joviaes,
— Se tudo isso fiz, a ti o devo.

Porém, dos Deuses gloria e dos mortaes,
Se tanto te devia, estava escripto
Que devera dever-te muito mais!

A ambição, monstro nunca assaz maldito
Fez-me odiar a minha solidão,
D'um sereno pastor fez um proscripto.

Deixei a minha flauta, o meu bordão
E o meu rebanho, e fui-me a correr terras
Que sepulturas d'almas virgens são.

De cidade em cidade, subi serras
E lá de cima, olhando para baixo,
Só vi angustias, odios, luctos, guerras...

Da ambição me offuscava o tredo facho,
Para o mal caminhava, cegamente,
Qual para o mar o ambicioso riacho.

Por babylonias, entre falsa gente,
Entre tristezas mil e mil perigos,
De tantos vicios ver, vi-me doente.

Debalde procurei leaes abrigos,
Foi pago com traições o meu amor,
E só traições colhi dos meus amigos.

E cada vez o mal ia a peior,
A tal ponto que a minha dor agreste
Julguei-a das dor's todas a maior!

Amigo, foi então que me appar'ceste
E me mostraste como tudo é vão
Sob a estrellada abobada celeste;

Seguindo o teu exemplo, foi então
Que eu o mundo deixei para voltar
Aos deliciosos prados da illusão.

Aqui me vim esconder e recobrar,
Aqui, onde de novo pastoreio
E onde outra vez Castalia oiço cantar;

De novo bebo o mel do devaneio,
Minha bocca, em vez d'ais, sólta canções,
A paz voltou suavissima ao meu seio;

Quaes semicapros ægipans brincões,
Meus sonhos em frescor humilham rosas,
São doceis minhas simples ambições;

Vivo calmo a cantar canções viçosas,
E a ouvir, sempre encantado, o bom Mondego,
Onde cantam mondegides maviosas!

Sou de novo feliz! vivo em socego!
De novo ostenta flor's a sêcca haste,
De novo o mudo fala e vê o cego!

Graças te rendo, a ti que me ensinaste
A tanger minha avena e que depois,
Vendo-me já perdido, me salvaste!

Cantem, quando passar's, os rouxinoes,
Sigam-te, como sombras, os poetas,
Acclamem-te rainhas, reis e heroes!

Que os teus pés pisem só jasmins, violetas,
Seja-te o inverno doce primavera,
Realise-se tudo o que projectas!

Comtigo ainda conversar quizera,
Meu rebanho, porém, vou deitar fóra,
Que, de se ver sem mim, já desespera.

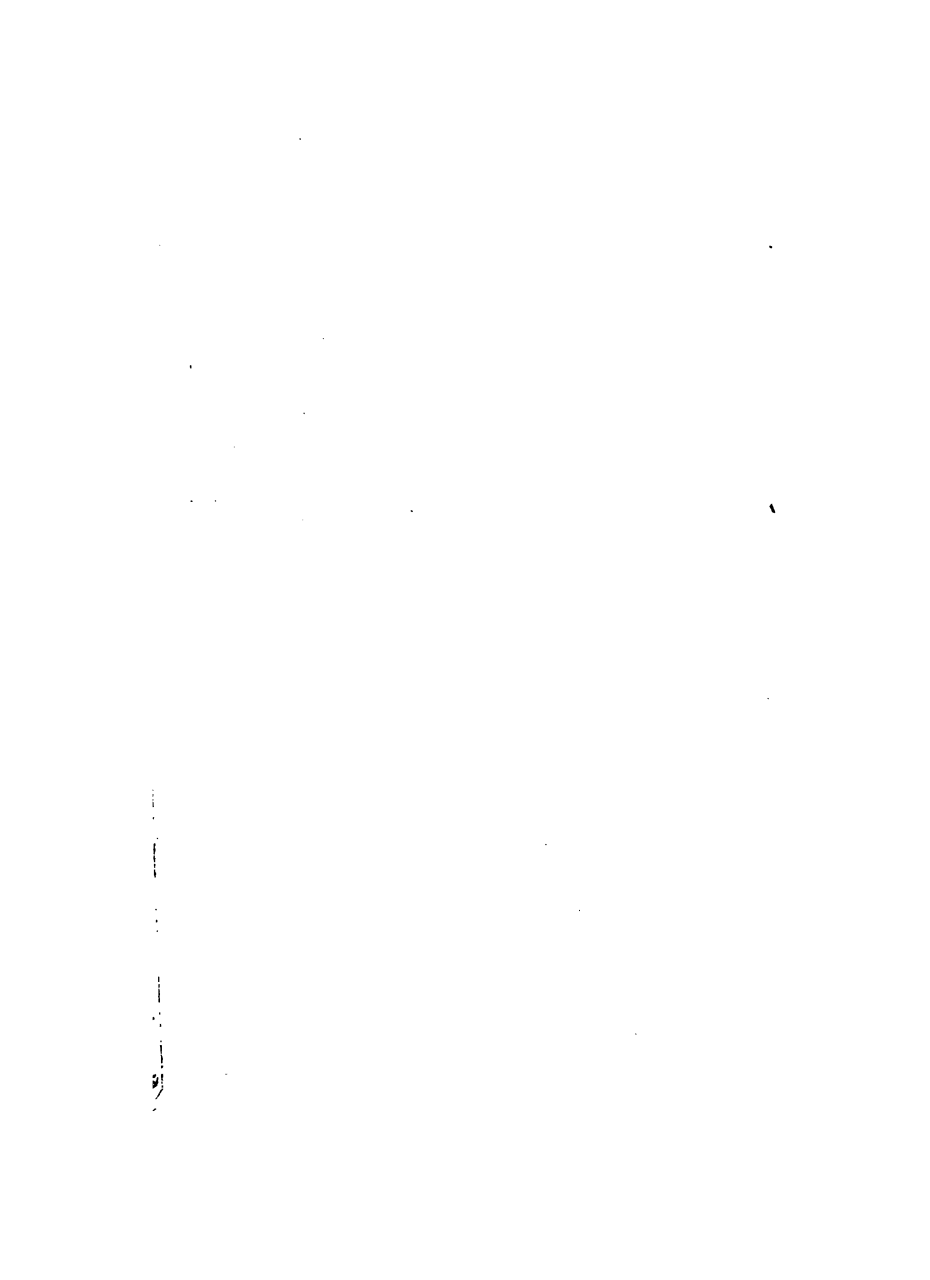
Aqui não posso ficar mais agora,
Pois meus olhos, cordeiros saltadores,
Balindo querem que eu, sem mais demora,

Os vá guardar no teu *Campo de Flores!*

Coimbra, 5 *de março de* 1895.

EUGENIO DE CASTRO

«A harpa de David serenava as allu-
«cinações da mente do rei Saul; são
«assim os versos de João de Deus pela
«effusão do amor e da contemplação
«mystica, pela naturalidade e profun-
«didade com que acordam o ideal em
«uma sociedade decadente...»

Dr. Theophilo BRAGA.

A VIDA

> Cosi trapassa, al trapassar d'un giorno,
> Della vita mortale il fiore e 'l verde,
> Nè, perchè faccia indietro april ritorno.
> Si rinfiora ella mai, nè si rinverde.
>
> Tasso.

Foi-se-me pouco a pouco amortecendo
A luz que n'esta vida me guiava,
Olhos fitos na qual até contava
Ir os degráos do tumulo descendo.

Em se ella anuveando, em a não vendo,
Já se me a luz de tudo anuveava;
Despontava ella apenas, despontava
Logo em minha alma a luz que ia perdendo.

Alma gemea da minha, e ingenua e pura
Como os anjos do céo (se o não sonharam...)
Quiz mostrar-me que o bem bem pouco dura!

Não sei se me voou, se m'a levaram;
Nem saiba eu nunca a minha desventura
Contar aos que inda em vida não choraram...

Ah! quando no seu collo reclinado,
Collo mais puro e candido que arminho,
Como abelha na flor do rosmaninho
Osculava seu labio perfumado;

Quando á luz dos seus olhos (que era vel-os,
E enfeitiçar-se a alma em graça tanta!)
Lia na sua bocca a Biblia santa
Escripta em lettra côr dos seus cabellos;

Quando a sua mãosinha pondo um dedo
Em seus labios de rosa pouco aberta,
Como timida pomba sempre álerta
Me impunha ora silencio, ora segredo;

Quando, como a alvéola, delicada
E linda como a flor que haja mais linda,
Passava como o cysne, ou como ainda
Antes do sol raiar nuvem doirada;

Quando em balsamo de alma piedosa
Ungia as mãos da simplice indigencia,
Como a nuvem nas mãos da Providencia
Uma lagrima estilla em flor sequiosa;

Quando a cruz do collar do seu pescoço
Estendendo-me os braços, como estende
O symbolo do amor que as almas prende,
Me dizia... o que ás mais dizer não ouço;

Quando, se negra nuvem me espalhava
Por sobre o coração algum desgosto,
Conchegando-me ao seu candido rosto
No perfume de um riso a dissipava;

Quando o oiro da trança aos ventos dando
E a neve de seu collo e seu vestido,
Pomba que do seu par se ia perdido,
Já de longe lhe ouvia o peito arfando;

Quando o anel de bocca luzidia,
Vermelha como a rosa cheia de agua,
Em beijos á saudade abrindo a magua,
Mil rosas pela face me esparzia;

Tinha o céo da minha alma as sete côres,
Valia-me este mundo um paraiso,
Distillava-me a alma um doce riso,
Debaixo dos meus pés nasciam flores!

Deus era inda meu pae; e em quanto pude
Li o seu nome em tudo quanto existe,
No campo em flor, na praia arida e triste,
No céo, no mar, na terra e... na virtude!

Virtude! Que é mais que um nome
Essa voz que em ar se esvae,
Se um riso que ao labio assome
N'uma lagrima nos cae!

Que és, virtude, se de luto
Nos vestes o coração?
És a blasphemia de Bruto:
Não és mais que um nome vão:

Abre a flor á luz, que a enleva,
Seu calix cheio de amor,
E o sol nasce, passa e leva
Comsigo perfume e flor!

Que é d'esses cabellos de oiro
Do mais subido quilate,
D'esses labios escarlate,
Meu thesoiro!

Que é d'esse halito que ainda
O coração me perfuma!
Que é do teu collo de espuma,
Pomba linda!

Que é d'uma flor da grinalda
Dos teus doirados cabellos!
D'esses olhos, quero vel-os,
Esmeralda!

Que é d'essa franja comprida
D'aquelle chaile mais leve
Do que a nuvem côr de neve,
Margarida!

Que è d'essa alma que me déste,
D'um sorriso, um só que fosse,
Da tua bocca tão doce,
Flor celeste!

Tua cabeça, que é d'ella,
A tua cabeça de oiro,
Minha pomba, meu thesoiro!
Minha estrella!

De dia a estrella de alva empallidece;
E a luz do dia eterno te ha ferido!
Em teu languido olhar adormecido
Nunca me um dia em vida amanhecesse!

Foste a concha da praia! A flor parece
Mais ditosa que tu! Quem te ha partido,
Meu calix de crystal onde hei bebido
Os nectares do céo... se um céo houvesse!

Fonte pura das lagrimas que chóro,
Quem tão menina e moça desmanchado
Te ha pelas nuvens os cabellos d'oiro!

Some-te, vela de baixel quebrado!
Some-te, vôa, apaga-te, meteoro!
É só mais n'este mundo um desgraçado!

E as desgraças podia prevel-as
Quem a terra sustenta no ar,
Quem sustenta no ar as estrellas,
Quem levanta ás estrellas o mar.

Deus podia prever a desgraça,
Deus podia prever e não quiz!
E não quiz, não... se a nuvem que passa
Tambem póde chamar-se infeliz!

A vida é o dia de hoje,
A vida é ai que mal soa,
A vida é sombra que foge,
A vida é nuvem que voa;
A vida é sonho tão leve
Que se desfaz como a neve
E como o fumo se esvae:
A vida dura um momento,
Mais leve que o pensamento,
A vida leva-a o vento,
A vida é folha que cae!

A vida é flor na corrente,
A vida é sôpro suave,
A vida é estrella cadente,
Vôa mais leve que a ave;
Nuvem que o vento nos ares,
Onda que o vento nos mares,
Uma apoz outra lançou,
A vida — penna cahida
Da aza de ave ferida —
De valle em valle impellida
A vida o vento a levou!

Como em sonhos o anjo que me afaga
Leva na trança os lirios que lhe puz,
E a luz quando se apaga
Leva aos olhos a luz!

Levou sim, como a folha que desprende
De uma flor delicada o vento sul,
E a estrella que se estende
N'essa abobada azul;

Como os avidos olhos de um amante
Levam comsigo a luz de um doce olhar,
E o vento do levante
Leva a onda do mar!

Como o tenro filhinho quando expira
Leva o beijo dos labios maternaes,
E á alma que suspira
O vento leva os ais!

Ou como leva ao collo a mãe seu filho,
E as azas leva a pomba que voou,
E o sol leva o seu brilho...
O vento m'a levou!

E Deus, tu és piedoso,
Senhor! és Deus e pae!
E ao filho desditoso
Não ouves pois um ai!
Estrellas déste aos ares,
Dás perolas aos mares,
Ao campo déste a flor,
Frescura dás ás fontes,
O lirio dás aos montes,
E tiras-m'a, Senhor!

Ah! quando n'uma vista o mundo abranjo,
Estendo os braços e, palpando o mundo,
O céo, a terra e o mar vejo a meus pés;
Buscando em vão a imagem do meu anjo,
Soletro á froixa luz de um moribundo
Em tudo só: talvez!

Talvez — é hoje a Biblia, o livro aberto
Que eu só ponho ante mim nas rochas quando
Vou pelo mundo ver se a posso ver;
E onde, como a palmeira no deserto,
Apenas vejo aos pés inquieta ondeando
A sombra do meu ser!

Meu ser... voou na aza da aguia negra
Que, levando-a, só não levou comsigo
D'esta alma aquelle amor!
E quando a luz do sol o mundo alegra,
Chrysállida nocturna a sós commigo
Abraço a minha dor!

Dor inutil! Se a flor que ao céo envia
Seus balsamos se esfolha, e tu no espaço
Achas depois seus atomos subtis,
Inda has-de ouvir a voz que ouviste um dia...
Como a sua Leonor inda ouve o Tasso!...
Dante, a sua Beatriz!

— Nunca! responde a folha que o outomno,
Da haste que a sustinha a mão abrindo,
Ao vento confiou;
— Nunca! responde a campa onde do somno
E quem talvez sonhava um sonho lindo,
Um dia despertou!

— Nunca! responde o ai que o labio vibra;
— Nunca! responde a rosa que na face
Um dia emmurcheceu:
E a onda que um momento se equilibra
Em quanto diz ás mais: Deixae que eu passe!
E passou e... morreu!

ULTIMO ADEUS

Prestes, se inda na rocha de granito
D'onde em tempo me vias te sentares,
Não olhes para a terra ou para os mares,
Olha sim para o céo, que é lá que habito.

Lá tão longe de ti, mas não do terno,
Bondoso Pae que os dois nos ha gerado,
Só para maguas não, que bem guardado
Nos tem tambem no céo prazer eterno.

Não se é só pó no fim de tanta magua!
Senão, diga-me alguem que allivio é este
Que sinto quando á abobada celeste
Alevanto os meus olhos rasos de agua!

Mentem os céos tambem?... Os céos maldigo!
Feras, tigres, tambem o céo povoam?
Tambem os labios lá sorrindo coam
Veneno desleal em beijo amigo?

Mas, na dor é que os astros nos sorriem,
E os homens não sorriem na desdita:
Astros! fio-me em vós, e Deus permitta
Que os infelizes sempre em vós se fiem.

Intima voz do fundo, bem do fundo
De alma me diz (e as lagrimas me saltam):
Vês os milhões de soes que o espaço esmaltam?
Pisa a terra a teus pés, ainda ha mais mundo;

Ha depois d'esta vida ainda outra vida:
Não se reduz a nada um grão de areia,
E havia de a nossa alma, a nossa idéa
Nas ruinas do pó ficar perdida?

— Isso que pensa e quer (até me admiro!).
Isso que a luz nos traz, que a luz nos leva,
Isso que me abre o céo, que ao céo me eleva
N'um teu cansado olhar, n'um teu suspiro!

Onde, não sei eu bem, mas sei que existe
Deus remunerador. Depois de mortos
Hemos de ver-nos, e um no outro absortos
Fartar de glorias este amor tão triste.

— Tão triste, e o coração que me adivinha?...
N'este supplicio nosso, este tormento
Nunca dos labios teus minimo alento
N'um só beijo bebi em vida minha!

E morro sem te ver! Cabeça douda,
Desasisado amor! Sonhar afflicto
Um sonho até morrer!... Não! resuscito;
Morto tenho eu vivido a vida toda!

O SEU NOME

Ella não sabe a luz suave e pura
Que derrama n'uma alma acostumada
A não ver nunca a luz da madrugada
Vir raiando, senão com amargura!

Não sabe a avidez com que a procura
Ver esta vista, de chorar cansada,
A ella... unica nuvem prateada,
Unica estrella d'esta noite escura!

E mil annos que leve a Providencia
A dar-me este degredo por cumprido,
Por acabada já tão longa ausencia,

Ainda n'esse instante appetecido
Será meu pensamento essa existencia...
E o seu nome, o meu ultimo gemido!

Oh! o seu nome,
Como eu o digo
E me consola!
Nem uma esmola
Dada ao mendigo
Morto de fome!

N'um mar de dores
A mãe que afaga
Fiel retrato
Do amante ingrato,
Unica paga
Dos seus amores...

Que rota e nua,
Tremulos passos,
Só mostra á gente
A innocente
Que traz nos braços
De rua em rua;

Visto que o laço
Que a prende á vida
É só aquella
Candida estrella,
Que achou cahida
No seu regaço;

(Não que lhe importe
A ella nada...
Que tudo escusa;
E até accusa
De descuidada
Comsigo a morte!)

Mão bemfazeja,
Se por ventura
Encontra um dia...
Com que alegria,
Com que ternura
Ella a não beija!...

Mas com mais quanto
Amor te escrevo,
Soletro e leio,
Nome de enleio,
Nome de enlevo,
Nome de encanto!

Como a agua de um lago, toda um nivel,
Vae de circulo em circulo ondeando,
Se a andorinha a roça ao ir voando
Atrás de algum insecto imperceptivel;

E quebrado esse espelho em mil pedaços
(Que a imagem do céo desapparece),
Em circulos concentricos parece
Tornarem-se a formar novos espaços...

Ou como d'entre as notas ineffaveis
Dos canticos do céo — todo harmonia —
Mal sôa o doce nome de MARIA,
Pasmam as multidões innumeraveis;

E de onda em onda cada vez mais larga,
De lyra em lyra cada vez mais pura,
O nome d'essa excelsa creatura
Por todo aquelle immenso mar se alarga;

E tudo quanto cérca o throno eterno
Áquella doce voz desprende o canto,
Formando um côro universal, emquanto
Reina silencio no profundo inferno...

Assim n'esta paixão que me devora,
Se aos labios essas syllabas me assomam,
As negras sombras da minha alma tomam
Gradualmente o esplendor da aurora!

Toda a idéa má recua um passo,
Aplanam-se os dominios do futuro,
E do crystal mais transparente e puro
Se me arqueia a abobada do espaço!

Desdobra-se o passado á luz do dia
Em valle ameno aos olhos da memoria,
E eu acho não ser perfida, illusoria,
A fé que eu punha em certa luz que eu via...

Vejo que aquelle informe e negro monte,
Que me tapava a mim o fim da vida,
Não era mais que a natural subida
Para se dominar vasto horizonte!...

Que horizonte és tu, pombinha brava!
Tu cujo peito, que aliás encerra
O que ha de bello e grande em céo e terra
Só com duas conchinhas se tapava...

Mas emquanto não chego áquella altura,
Donde se avista a terra promettida,
Irei cantando, distrahindo a vida
Com essa invocação suave e pura:

Invocação de nome tão suave
Como esse olhar, que eu só de ver suspiro!
Mas que invoco em silencio... como admiro
A luz da lua e o olhar da ave!

E se algum dia
Deres abrigo
Ao desgraçado
Pobre mendigo,
Expatriado,
Morto de fome,
Dize comtigo:
«Mais consolado
Se elle sentia
Lendo o meu nome!»

CARTA

Maria! ver-te á porta a fazer meia,
Olhando para mim de vez em quando,
É o que n'esta vida me recreia.

Acordo até de noite suspirando
Por que rompa a manhã e tenha o gosto
De te ver já tão cedo trabalhando.

Desde pela manhã até sol-posto
Que tu não tens descanço um só momento;
Por isso tens tão bella côr de rosto!

E eu pallido, Maria! O pensamento
Não é trabalho que nos dê saude;
Esta imaginação é um tormento.

Que bello tempo aquelle em quanto pude
Levar, como tu levas, todo o dia
N'essa vida chamada ingrata e rude!

Nunca soube o que foi melancholia,
Nunca provei as lagrimas salgadas
Com que a nossa alma as penas allivia;

Andava sim por essas cumeadas
Ao sol, á chuva, muita vez, sósinho,
Vendo os valles das rochas escarpadas;

Descendo pelo córrego estreitinho,
De pontal em pontal cortando o matto
Pelas chapadas fóra do caminho;

Mas não era que já o teu retrato
Me andasse a mim no coração impresso,
Onde hoje o trago no maior recato,

E um desengano teu, que não mereço,
Me tivesse tirado a fé tão doce
De alcançar algum dia o que appeteço.

Não foi, não, a paixão que assim me trouxe
Tão erradio a mim, digo a verdade
E nem eu te negava se assim fosse;

E que a gente na sua mocidade
Não cabe em si, não pára de contente,
E assim fui eu na flor da minha edade.

Tu eras n'esse tempo simplesmente
A flor que vae nascendo, e mais valia
Seres tão tenra ainda e innocente!

Já esse lindo pé que tens, Maria!
Esse quadril tão largo e cinta estreita
Me não vinha á idéa noite e dia;

Esses encantos de mulher perfeita,
Esse peito redondo e arqueado
Como o de pomba farta e satisfeita!

Talvez vivesse então mais socegado,
Ou já que minha sorte é sempre triste,
Ao menos não andasse enfeitiçado.

Esse bello pescoço... não existe
Outro assim torneado; o rosto é lindo
E a tão meiga expressão ninguem resiste.

É tudo encantador. A gente cansa,
Cansa de estar olhando e sempre vendo
Um novo encanto a cada olhar que lança!

E se essa linda voz nos sae dizendo
As mimosas palavras que costuma,
Sente-se a gente logo derretendo;

Que além de um rosto tão perfeito, em summa
Coube-te em sorte um coração perfeito
E em ti não ha, Maria! falta alguma!

Oh que ditoso, alegre e satisfeito
Não viverá o homem que algum dia
Sentir pular-te o coração no peito,

E que em deliciosissima agonia,
Vendo-te já os olhos desmaiando
Como desmaia o céo á luz do dia,

Nas azas da ventura atravessando
Os espaços de um extase ineffavel
Abraçado comtigo fôr voando

Lá para onde tudo é bello e estavel!

MARINA

Apparição

Como esse olhar é doce!
Doce da mesma sorte
Como se nunca fosse
Toldado pela morte:

Como se alumiasse
O sol ainda em vida
As rosas d'essa face..
Agora emmurchecida!

Colhesse-as eu mais cedo,
E logo que alvorece...
Já não tivesse medo
Que a terra m'as comesse!

Mas pura como a neve
Que ás vezes cáe na serra,
É que a nossa alma deve
Tambem voar da terra.

Gelasse a morte fria
A mão profanadora
Que te ennublasse um dia
A luz que dás agora!

É n'essa côr tão linda,
Rosa da madrugada!
Que sinto a alma ainda
Andar-me enfeitiçada!

Se um dia nos meus braços
Te desbotasse as côres,
Passavam os abraços...
Passavam os amores!

Oh! não: mil vezes antes
No céo lá onde habitas,
E os rapidos instantes
Que vens e me visitas

N'este degredo nosso,
Que tanta gente estima,
E eu, só porque não posso,
Não largo e vou lá cima.

Vem tu cá baixo, abala,
Deixa em podendo o collo
Tão terno que te embala,
E vem-me dar consolo!

Como essa imagem pura
Ah! sobrevive ao nada
E escapa á sepultura,
Tão fresca e perfumada!

Nunca uma noite eu deixe
De estar a ver que existes,
Em quanto me não feche
O somno os olhos tristes;

E n'esse largo espaço
Que te não vejo, espero
Lhe contes o que eu passo
N'este aspero desterro;

Que assim que te não veja
É noite fria e escura,
Noite que mette inveja
Á mesma sepultura!

Saudade

Em accordando agora,
O meu contentamento
É ver em cada aurora
Um dia de tormento...

Pudesse eu dar-te a prova
Dos dias que me esperam,
Lançando-me na cova
Onde elles te puzeram!

Lançassem-me algum dia
Ao pé, que de repente
O coração te havia
De ainda pular quente...

A face cobrar logo
A fórma e côr perdida,
E a bocca toda fogo
Ah! inspirar-me a vida!

Supplica, ó anjo! implora
Ao Pae universal
Que me deixe ir embora
D'este horroroso valle

De lagrimas amargas
E turvas de tal modo,
Como umas nuvens largas
Que tapam o céo todo!

Eternida

Inferno e céo conforme
A nossa fé, confesso
Que é um mysterio enorme,
E um mysterio immenso...

Mas um mysterio é tudo:
Folhinha de herva, e estrella,
Não ha comprehendel-a!
É contemplal-a mudo.

E a herva como existe,
A mim quem m'o diria,
Se a luz que me alumia
Nem sabe em que consiste?

Mas uma coisa sabe
O que a cabeça ignora
— O coração... que mora
Em peito onde não cabe!

Ha uma luz mais clara
Que a luz do pensamento:
A d'essa imagem cara...
A d'este sentimento!

... 21 de setembro

Ha uma hora ou mais,
Marina! que contemplo
A casa de teus paes
Que é para mim um templo.

Está a porta aberta,
E vejo alumiada
A parte descoberta
Da casa da entrada.

Lá andam a passar
Do quarto onde acabaste
Á casa de jantar
Os vultos que deixaste.

Os vultos que os vestidos
Tão negros que puzeram,
De lucto, tão compridos,
Não sei que ar lhes deram!

A tua bella irmã,
A tua Piedade,
A rosa da manhã,
A flor da mocidade,

Quem lhe diria a ella,
Tão cheia de alegria,
Que haviamos de vel-a
Assim já hoje em dia!

É esta vida um mar...
E bem se póde a gente,
Marina! comparar
A rapida corrente,

Que vae de lado a lado
Por esses valles fóra
Sem nunca lhe ser dado
Ter a menor demora:

Pára quando a engole
Aquelle mar sem fundo;
Nem pára; é como o sol
E como todo o mundo...

Ahi não pára nada,
Tudo viaja e anda,
Que a ordem lhe foi dada,
E dada por quem manda.

Chega a corrente lá,
Engole-a logo a onda:
Depois, que é d'ella já?
A nuvem que responda;

Que a nuvem que nos passa
Pela manhã nos ares,
Era hontem a fumaça
Que andava n'esses mares;

E a nevoa que tu vês
Nas ondas fluctuantes,
Corria-nos aos pés
Talvez um dia antes.

A agua é que no giro
Em que anda eternamente
Não deu nunca um suspiro
Em prova de que sente...

....

INNOCENCIA

A Alberto Telles

Encolhe as azas, que te abrazas, louca!
O fogo mata a quem o gera, attende;
Foge e, se a vida te aborrece, estende
Um braço aos anjos, que a distancia é pouca.

Porque uma nuvem, onda transitoria
Do mar immenso, vem poisar na serra,
Não fica a nuvem pertencendo á terra:
Tu és o anjo que desceu da gloria.

Extranhas forças para ti me attraem;
E ás vezes cedo, tua cinta enleio,
Teus olhos beijo, mas contemplo o seio,
Tua alma dorme, e os meus braços caem...

Desfallecidos, flor celestial,
Como ante um berço cae a foice erguida,
Se ha n'elle mais do que uma simples vida,
Se ha innocencia que mil vidas vale.

Oh! não: teus labios o meu fel não provem;
Outros os lirios d'essa face esmaguem;
De outros mãos impias teu sorriso apaguem
Emquanto os labios tuas graças louvem.

Já no meu berço de innocencia pude
Pesar as joias que hoje em vão te invejo:
Provei os favos de illibado pejo,
Sei o que perde quem o vicio illude.

Alcantil ingreme, onde o raio é certo,
Contém mais seiva, que inda o musgo cria:
Quanto de fertil em nossa alma havia
Só deixa o ermo da saudade aberto.

Cahir no abysmo de intimos pesares
D'essas alturas onde mal te vejo,
O ponto estava em derreter n'um beijo
O fio de oiro que te prende aos ares.

N'esses dois cofres, n'esse collo, onde
Tantas riquezas enterrei ciumento
E que alta noite véla o pensamento
Pelo crystal que o coração te esconde,

Em oiro em barra, fina prata e quanto
Coalha o vasto e opulento Oriente,
Fôra em ruinas encontrar sómente
Carvão, se um dia te quebrasse o encanto!

Casta innocencia, de Deus filha e bella
Entre as mais bellas! virginal aroma!
Rosa ineffavel que, se á luz assoma,
Haste e raiz apodreceu com ella!

Sol que uma vez em nossa vida passas!
Flor que uma e neutra, como Deus, não gera;
Que se abre morre, mas sem prole, inteira
Com todo o côro das virgineas graças:

Ao ver-te, embora meu olhar te envia
O impio incenso de Nadab, ajoelho...
Rosa da face e, não só rosa, espelho
Da face occulta de quem espalha o dia!

Se por teus membros orvalhadas flores
Prodigas mãos da formosura entornam,
Flores mais bellas o teu seio adornam...
Vós, lirios de alma, virginaes amores!

O céo me encanta, como encanta o inferno:
Mysterio... espaço... mente exploradora!
Morre nas mãos o que a nossa alma adora
—Vago, impalpavel, infinito, eterno!

HERESTA

A José Falcão

Que magua ou que receio
Dos olhos te desata
Esse collar de prata
No jaspe do teu seio?

Bem intima ser deve
A pena que te opprime,
Flor tenra como o vime
E pura como a neve!

— Compunge-te isso, doe-te
Ver esmaltando o calix
Da erma flor dos valles
O balsamo da noite?

Se aos olhos nos affluem
As lagrimas parece
Que a dor nos adormece,
E as maguas diminuem.

— Heresta! pois inclina
Na minha a tua face,
Deixa que me repasse
Teu balsamo, bonina!

Abraça-me, divide
Commigo esse consolo!
Enlaça-te ao meu collo
Como ao olmeiro a vide!

Ás vezes tambem quando
Os olhos se me estendem
Ás luzes que se accendem
No templo venerando;

Tão intima saudade,
Tão intimo desejo
De um mundo que não vejo,
Me inspira a immensidade,

Que o pranto se agglomera
Na palpebra onde morre...
Sim, gela-se, não corre,
Tal é a dor que o gera.

— É Deus que a si te aspira,
É Deus que ao céo te chama;
Que em tudo amor derrama,
A tudo amor inspira!

Canta-o, o Justo, o Santo!
E a flor que o campo adorne
Thuribulo se torne
Ouvindo o doce canto.

— Inspira-o, pois, inspira,
Virgem de intacto pejo!
Seja um teu riso o harpejo,
E um teu cabello a lyra!

«O sol já da montanha
Nos disse adeus! adeus!
E a cupula dos céos
Ficou pallida e extranha.

«E aquella que a bondade
De Deus em si reflecte,
Em quanto ao sol compete
Mostrar-Lhe a majestade,

«Á luz extrema de hoje
Ergueu livida a face
Com medo que avistasse
Quem busca, e de quem foge!

«Fluxo e refluxo eterno
De alma contradictoria
Que após contínua gloria
Anda em contínuo inferno!

«Poeta! é copia tua,
Supplicio egual te inquieta!
Mas que alma de poeta
Teu seio arqueia, oh lua?

«Amor! amor como este,
Visão timida e casta,
Em giro eterno arrasta
A lampada celeste!

«Como esse que a deshoras
A ti te ergue a cabeça
E aos ermos te arremessa
Em busca do que adoras.

«Mas ah! pallido globo!
É pio de ave nocturna?
Echo em alguma furna
Do uivo de algum lobo?

«Oiço uma voz... escuta:
É ella a voz que se ouve,
Ou monge que inda louve
A Deus de alguma gruta!

«Quem lá em baixo á escarpa
Do ingreme penedo
No tremulo arvoredo
Entorna os sons de uma harpa?

«É ella a minha Heresta,
A minha branca ermida
Do ermo d'esta vida
Mais erma que a floresta?

«Ah vulto meu querido!
A que ergue ella o seu braço?
És tu... Vae, cruza o espaço,
Minha alma, n'um gemido!

«Tu, lua, que no valle
De Aialon paraste,
Já viste em sua haste
Suspenso lirio egual?

«Não é, não é mais bella
A rosa entre os abrolhos,
Nem ha como os seus olhos
No céo nenhuma estrella!

«E á luz de uma alvorada
Apenas desabrocha,
Nos angulos da rocha
Vel-a despedaçada!

«Vós, lobos! ide em bando,
Trepae pelo rochedo,
Uivae, mettei-lhe medo,
Levae-a recuando!

«Que faz quem se approxima
De um precipicio, diz'-m'o?
Que buscas tu no abysmo
Se o céo é lá em cima?

«Não tarda muito, creio,
Que acabe esta ancia nossa,
E Deus unir-nos possa
No seu eterno seio!

«É lá que a alma fala,
Lá que o amor se mede,
Que em brilho o sol excede,
E em gloria a Deus eguala!

«Na nuvem do futuro
Teus vagos olhos prega!
Depois de noite negra
Vem sempre um céo mais puro!»

E agora se o desejo
Te satisfiz, em premio
De um canto de alma gemeo,
Um gemeo e doce beijo!

AMORES AMORES

Não sou eu tão tola,
Que caia em casar;
Mulher não é rola,
Que tenha um só par:
  Eu tenho um moreno,
Tenho um de outra côr,
Tenho um mais pequeno,
Tenho outro maior.

Que mal faz um beijo,
Se apenas o dou,
Desfaz-se-me o pejo,
E o gosto ficou?

Um d'elles por graça
Deu-me um, e depois,
Gostei da chalaça,
Paguei-lhe com dois.

Abraços, abraços,
Que mal nos farão?
Se Deus me deu braços,
Foi essa a razão:
Um dia que o alto
Me vinha abraçar,
Fiquei-lhe de um salto
Suspensa no ar.

Vivendo e gosando,
Que a morte é fatal;
E a rosa em murchando
Não vale um real:
Eu sou muito amada,
E ha muito que sei
Que Deus não fez nada
Sem ser para quê.

Os paes eram pobresinhos,
Não a podiam trazer
Bem vestida, coitadinhos,
Mas que haviam de fazer!

Nem tudo a todos é dado,
E vestir bem, vestir mal...
Andar limpinho, asseado
É o ponto principal.

Ella o cabello, as orelhas,
O rosto, o pescoço, emfim
As mesmas chitinhas velhas
Cheiravam a alecrim!

Só isto, fosse ella cega,
Lhe dava graça a valer;
Quanto mais sendo tão meiga,
Que mais não podia ser:

Ás vezes, que não havia
Nem um boccado de pão,
E a pobre mãe não podia
Disfarçar a afflicção,

Já ella, toda anceada
Por ver a chorar a mãe,
Principiava, coitada,
Com as lagrimas tambem:

—Não sei porque se consomme
Em não tendo que me dar;
A mim não me custa a fome,
Custa-me vel-a chorar!—

E beijando e abraçando
A mãe para a distrahir,
Toda trémula, chorando,
Fingia que estava a rir!...

Quando chegou á edade
De já dizer tudo bem,
Claro e com facilidade,
A mãe fez o que convem:

Pôl-a na eschola (que a gente
Não é como os animaes,
Que vêem unicamente
Com os olhos, nada mais;

Quem teve a grande desgraça
De não apprender a ler
Sabe só o que se passa
No logar onde estiver,

Assim como um porco immundo
Que vê dois palmos do chão:
Do mais que vae pelo mundo,
Nunca póde dar razão).

Pôl-a na eschola que havia
De uma senhora de bem,
Que ensinava, e recebia
Só dos ricos, mais ninguem.

Lá a levou vestidinha
Pobremente, já se vê,
E toda envergonhadinha,
Talvez sem saber de quê!

A mestra que se a algumas
Tratava com mais amor,
Era ás pobres, disse a umas
Das que trajavam melhor:

—«Todas são alumnas minhas;
Aqui todas são eguaes
(E ás vezes as pobresinhas,
Tendo menos, valem mais...)

Façam logar as meninas
A esta que agora vem;
Como é das mais pequeninas
No meio, ahi, fica bem.

E ella assentou-se no meio
Das taes, por signal até,
Mostrando certo receio
De se lhes chegar ao pé.

Com effeito era mania
Das taes meninas mofar
De alguma que não podia
Tanta riqueza ostentar:

E mal viram descuidada
A mestra com outras, diz
A que era mais estouvada
Zombando da infeliz:

—«Quem lhe deu esse vestido?
Isso era da sua mãe?
Porque lhe está tão comprido!
Isso que prestimo tem?»

Diz a outra: —«Olha esta fita
De cabello!... Era melhor
Atal-o com uma guita...
Já nem se lhe sabe a côr!»

Assim levaram o dia,
A ponto que já as mais
Entravam na zombaria
Que estavam fazendo as taes.

A pobre, com a vergonha
Por que a fizeram passar,
Á noite deita-se e sonha...
Que havia de ella sonhar?!

Que vê cahir uma estrella
Do grande collar de Deus,
Tão brilhante, que só ella
Alumiava esses céos;

E a estrella vinha descendo,
Amparando-se no ar,
Como uma pomba sustendo
As azas para poisar...

E poisou a poucos passos;
E ella, cega de esplendor,
Sente que a tomam n'os braços
E a beijam com muito amor:

Beijos como só lhe dera
A propria mãe que a creou;
Mas essa mãe... bem não era...
Quem era!?... E n'isto acordou.

Abre os olhos, vê na meza,
Onde a mãe tinha uma cruz,
Oh que enxoval! que riqueza!
E põe-se: —Jesus! Jesus!» ..

Acode a mãe, e pasmada,
Espantada do que vê,
De mãos postas, ajoelhada,
Reza... sem saber o quê!

Ergue-se então e desdobra
Uma capa, um chale, um véo,
Vestidos muitos de sobra,
E tudo feito do céo...

D'aquella seda tão pura,
De tão delicada côr
Que a gente vê n'essa altura
Onde está Nosso Senhor;

E assim toda entremeada
De estrellinhas taes e quaes,
As de uma noite estrellada,
Brilhantes como crystaes!

Ao outro dia Angelina
Vae á eschola, e mal entrou,
Parece que a luz divina
Toda a casa alumiou!

Oh! como aquellas vaidosas
Não haviam de ficar...
De vergonha as presumpçosas
Nem levantavam o olhar!

Assim é que a Providencia
Costuma fazer aos vis,
Que levam a insolencia
A zombar de um infeliz!

Hoje é dia dos teus annos;
O presente que te dou,
É mostrar-te os desenganos
Que esperam quem se exaltou.

Quizera que toda a vida
Te conservásse o Senhor
Meiga, humilde e condoida
Com a miseria e a dor!